

5

Tempo e condição

A interpretação do sentido de um determinado enunciado – não apenas a expressão do intervalo temporal em que ocorre o evento por ele expresso, mas o seu significado como um todo – está, como vimos nas linhas finais da seção anterior, diretamente relacionada ao valor semântico de cada um dos termos que o compõem. O sentido final resulta da integração dos constituintes da sentença dentro do contexto específico em que estão inseridos. Logo, os argumentos de uma determinada relação predicativa estão sujeitos a um número teoricamente infinito de operações, cada uma das quais irá resultar num enunciado com um significado diferente.

Um mesmo elemento gramatical pode, então, assumir valores variados de acordo com os outros termos com que se combina em cada situação. Assim, a palavra **quando**, apesar de ter um uso bastante freqüente em português no campo semântico de tempo, pode também indicar outras circunstâncias. Não há, logicamente, uma regra que estabeleça padrões para determinar sob quais condições o **quando** expressará tempo ou outro valor adverbial. Há, sim, certos fatores sintático-gramaticais que influem diretamente no todo semântico formado pelos componentes de um enunciado. Entre tais fatores, além do valor individual que cada termo carrega consigo, um dos mais significativos é a correlação entre os tempos e os modos verbais.

A fronteira entre certas noções adverbiais pode ser bastante sutil a ponto de nos causar algumas dificuldades em delimitar o fim de uma e o começo de outra. As idéias de tempo, causa e condição são exemplos de valores semânticos próximos, que podem se confundir e se interpenetrar. E o que torna a distinção entre elas ainda mais interessante e complicada é o fato de não serem necessariamente excludentes, isto é, podem ser simultaneamente expressas por uma mesma frase.

Na visão de Mattoso Câmara (1967. p.4), o conceito de condicional “define as formas verbais como características de um modo de realização do

processo verbal e, não, do tempo da sua ocorrência³²”. Tal definição pode, inclusive, justificar essa possibilidade de convivência simultânea entre tempo e condição, por se tratar de noções que remetem a categorias muito próximas, porém distintas (tempo e modo). Para Evanildo Bechara (2004, p.498), as orações condicionais “não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as idéias de hipótese, eventualidade, concessão, tempo, sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento³³”.

Tomemos, como ilustração, a sentença:

6 - **Quando** o time estiver matematicamente livre do rebaixamento, eu falo sobre o contrato.

Podemos observar claramente a co-ocorrência das idéias de tempo e condição no enunciado acima. O **tempo** do acontecimento lingüístico designado pela oração adverbial é o futuro, marcado pela forma “estiver” no modo subjuntivo. Já a oração nuclear exprime um fato - falar sobre o contrato – que só ocorrerá dentro da **condição** estabelecida na adverbial – o time estar matematicamente livre do rebaixamento – fato que ainda não aconteceu. Vale notar que o verbo “falar” na oração principal está conjugado no presente, mas o futuro também poderia ser usado sem qualquer restrição, formando: Quando o time estiver matematicamente classificado, eu *falarei* sobre o contrato.

O uso da forma no presente para indicar tempo futuro é bastante comum em português. Assim, o futuro é um tempo que, na prática, reveste-se de conotações modais, como hipótese, dúvida, expectativa, já que, para a expressão pura de tempo, o presente, como acentua Mira Mateus et al. (2003, p.154), “pode ser utilizado para referir um tempo posterior ao tempo da enunciação, nomeadamente quando apoiado por adverbiais³⁴”.

Tal noção é compartilhada por Mattoso Câmara (1967, p.25) ao afirmar que

³²CÂMARA JR., J.M., *A forma verbal portuguesa em -ria*, p. 4

³³BECHARA, E., *Moderna gramática portuguesa*, p. 498.

³⁴MIRA MATEUS, M.H, et al., op. cit, p. 154.

“para o teor indicativo de franca asserção, as formas do presente servem satisfatoriamente de expressão de processos por acontecer. (...) Essas formas abarcam o futuro na sua categoria temporal. Para o processo que se vai dar, o sujeito falante prolonga a atualidade que vive, e o futuro se resolve lingüisticamente em presente³⁵”.

E ainda segundo o autor,

“a ligação da dúvida, da expectativa, com a idéia de futuro é constante na linguagem espontânea; sem subintenções subjuntivas, potenciais, optativas, imperativas, o tempo futuro, para a asserção franca, se realiza essencialmente pela forma de presente³⁶”.

Retomando o exemplo 6, há de se notar, também, a expectativa do falante em relação à concretização da ação futura. Utilizando o **quando**, o falante parece estar seguro quanto à realização do fato, apesar de não poder precisar o momento exato em que ele ocorrerá. Caso optasse pela conjunção **se** em vez do **quando** (Se o time estiver matematicamente livre do rebaixamento), o falante revelaria uma certa dúvida sobre a sua ocorrência, admitindo a hipótese de o time não se livrar do rebaixamento. Logo, observamos que, semanticamente, o **se** está muito mais próximo da idéia de hipótese/incerteza, enquanto o **quando**, mesmo nas construções de valor condicional, revela uma expectativa mais concreta, quase uma certeza, em relação à concretização da ação futura. A escolha da conjunção, como escreve Azeredo (2000, p.100), denota “uma tomada de posição do enunciador³⁷”, isto é, o termo utilizado pode revelar diferenças sutis de modalidade de acordo com a intenção/expectativa do falante.

A relação expressa por esse tipo de enunciado pode ser compreendida como *temporal com sentido condicional* (Neves, 2000). Trata-se de construções que envolvem simultaneidade entre o estado de coisas da oração principal e o da temporal e que se caracterizam pelo traço atélico, ou seja, de ação não finalizada (aspecto imperfectivo).

É também de se observar que a inversão da ordem das orações em 6 não altera a relação temporal, nem influi sobre a presença da idéia de condição, como demonstramos em 6’:

³⁵CÂMARA JR., J.M., op. cit, p. 25.

³⁶CÂMARA JR., J.M., op. cit, p. 21.

³⁷AZEREDO, J.C.de., op. cit, p. 100.

6' - Eu falo (falarei) sobre o contrato **quando** o time estiver matematicamente livre do rebaixamento.

No exemplo 6, temos uma construção formada com verbos no futuro do subjuntivo na oração adverbial e no presente do indicativo (remetendo ao futuro) na oração nuclear. Outra combinação possível de expressar sentido condicional é a de duas orações no presente, como ocorre nos exemplos abaixo:

7- **Quando** erro, fico doente, chato, mal-humorado.

8- O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. **Quando** cede, provoca desgraças.

Em 7 e 8 estamos diante de duas sentenças que exprimem a ocorrência repetida de eventos que se dão, assim como em 6, dentro de uma condição apresentada na oração adverbial. A diferença é que, em 7 e em 8, o tempo verbal da adverbial é o presente do indicativo, enquanto em 6 o verbo da adverbial está conjugado no futuro do subjuntivo. No entanto, são construções que não fazem referência específica a um tempo cronológico presente, passado ou futuro. Trata-se de asserções de caráter geral, que exprimem, nas palavras de Mira Mateus et al.(2003, p.144), “a ocorrência indeterminada de eventos do mesmo tipo que têm lugar num intervalo de tempo não delimitado³⁸”.

A troca da conjunção em 7' e 8' nos permite interpretar o enunciado de maneira sutilmente diferente. Vejamos:

7'- *Se* erro, fico doente, chato, mal-humorado.

8'- O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. *Se* cede, provoca desgraças.

Comparando-se 7 com 7', constatamos que a simples substituição do **quando** pelo *se* é responsável por uma pequena, porém notória, alteração

³⁸MIRA MATEUS, M.H., et al, op. cit, p. 144.

semântica na frase. Com **quando**, notamos uma posição mais enfática por parte do falante, isto é, o fato de “errar” é tomado como algo pertencente à sua realidade: ele admite que erra algumas vezes. Com *se*, “errar” já é encarado como uma possibilidade um pouco mais remota – o falante não admite claramente que erra, mas, sim, a hipótese de errar (em 8 e 8’ o raciocínio é rigorosamente o mesmo).

A idéia de condição, além de favorecida pela combinação de tempo e modo verbais no presente do indicativo, faz-se ainda nitidamente presente pelo próprio conteúdo semântico de cada um dos termos que se combinam formando o enunciado. Já a noção de tempo do acontecimento lingüístico expresso pela oração adverbial é neutra, isto é, a conjunção **quando** tem o valor semântico próximo ao de expressões de frequência tais como “sempre que”, ou “toda vez que” para fazer referência a essa “ocorrência indeterminada de eventos do mesmo tipo”. Assim, teríamos:

7’- *Toda vez que erro, fico doente, chato, mal-humorado.*

8’- O Poder Executivo deve reconhecer a competência da burocracia do Estado, mas não pode ceder à usurpação de prerrogativas. *Sempre que cede, provoca desgraças.*

Em 8, ceder à usurpação de prerrogativas é a condição que determina a provocação de desgraças, tal como, em 7, errar é a condição habitual que determina o fato de o falante ficar mal-humorado. No entanto, embora o significado geral dos enunciados 7’ e 8’ ainda seja semelhante ao de 7 e 8, é importante ressaltar que as expressões “sempre que” e “toda vez que” conferem um teor enfático às ações a que se referem, isto é, não se admite outra possibilidade a não ser aquela expressa na oração principal quando o fato contido na adverbial ocorre. Mais uma vez, observamos que a troca do conectivo resulta em alterações semânticas nos enunciados.

Dessa forma, o que nos parece indiscutível é a força que o significado intrínseco a cada uma das conjunções escolhidas pelo falante exerce sobre a interpretação de cada um dos enunciados examinados. Apesar de a idéia básica referente aos conceitos de tempo e condição ser mantida com o uso dos diferentes conectivos vistos, há que se atentar para as nuances de gradação que podem ser

observadas a partir da afinidade de cada conjunção com as sutilezas do significado.

5.1

Nuances semânticas entre as condicionais

Os enunciados 7 e 8 são exemplos de construções que apresentam relação temporal com *sentido condicional eventual*. O aspecto imperfectivo das ações expressas é fundamental para tal interpretação. A idéia de ação não finalizada pode remeter ao conceito de habitualidade, ou seja, de fatos que se repetem no tempo obedecendo às condições observadas na oração adverbial.

Segundo Neves (2000, p.798), em construções deste tipo, “o estado de coisas da oração temporal e o da principal são simultâneos³⁹”. Tal afirmação vai ao encontro do que observamos algumas linhas acima: o conceito de tempo em tais enunciados revela-se genérico, sem referir-se, portanto, a um intervalo cronológico específico. Assim, o caráter “simultâneo” diz respeito justamente à idéia da ocorrência regular de fatos determinados por uma condição habitual. Isto é, as circunstâncias trazidas pela oração adverbial são responsáveis por desencadear os processos/eventos/ações vistos na oração nuclear. A fim de ilustrar melhor nosso raciocínio, vejamos o exemplo:

9- **Quando** o nível da água atinge 60 centímetros, os carros podem ser arrastados.

O enunciado em questão apresenta, na oração principal, uma possibilidade que se dá repetidamente de acordo com a circunstância trazida pela oração adverbial. Nosso conhecimento de mundo nos leva a entender perfeitamente que o fato de o nível da água chegar a 60 centímetros é a condição habitual que determina a possibilidade de os carros serem arrastados em dias de forte chuva, pois sabemos que em dias “normais” o nível da água mantém-se estável.

Assim, podemos verificar que o estado de coisas de ambas as orações é simultâneo, já que a concretização da condição apresentada na adverbial implica a

³⁹MOURA NEVES, M.H. de., *Gramática de usos do português*, p. 798.

realização (neste caso a possibilidade de realização) da situação descrita na oração principal. Seria o caso de dizer, de modo menos formal, que “uma coisa leva a outra”. O aspecto imperfeito visto em ambas as predicções – com verbos conjugados no presente do indicativo - favorece a leitura iterativa, tal como observado em relação aos exemplos 7 e 8. Como veremos no decorrer de nossa exposição, a interpretação seria sutilmente distinta caso as ações apresentassem o aspecto perfectivo.

“A correlação de presente com presente caracteriza uma perspectiva global imperfeita de estados de coisas simultâneos (total ou parcial), o que licencia a indicação de **habitualidade**. Esse complexo favorece uma interpretação condicional (...) A correlação de duas formas imperfeitas (presente e presente, ou pretérito imperfeito e pretérito imperfeito) configura **coextensão temporal** dos dois estados de coisas⁴⁰”.

A correlação de duas orações com formas verbais imperfeitas, unidas pelo **quando**, favorece, como observamos, as noções de habitualidade e iteratividade, além de poder, também, expressar a idéia de condição. No entanto, isso não significa que todo enunciado com tal estrutura haverá de denotar, necessariamente, o sentido condicional. Vejamos:

10- **Quando** o metrô parava nas estações, avisávamos aos seguranças que o ar condicionado não estava funcionando e eles ficavam rindo.

A frase acima apresenta orações com formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo, sendo a adverbial introduzida pelo **quando**. É clara a presença da noção de iteratividade, que confere ao enunciado a idéia de que *toda vez que* o metrô parava nas estações, os passageiros avisavam aos seguranças sobre o problema com o ar condicionado, e estes se limitavam a rir. A oração adverbial traz, portanto, unicamente, a informação temporal relativa ao fato expresso na principal.

Assim, diferentemente do que ocorre em 7, 8 e 9, o exemplo 10, que também une orações com formas verbais imperfeitas, não apresenta valor condicional. Duas razões são essenciais para essa questão. Em primeiro lugar, a

⁴⁰Ibid. p. 791 e 793.

forma verbal conjugada no pretérito imperfeito em 10 aponta para uma seqüência iterativa de fatos com lugar no passado, enquanto em 7, 8 e 9, o presente do indicativo configura uma situação neutra quanto à especificação temporal, fator que licencia a presença da idéia condicional nos respectivos enunciados, já que a relação, nestes casos, passa a ser de implicação: a condição habitual trazida pela oração adverbial induz ao fato visto na oração nuclear.

Além disso, fatores de ordem pragmática nos levam a observar que, em 10, essa relação de implicação inexistente. O fato de o metrô parar nas estações diz respeito à quantificação dos intervalos temporais em que os passageiros alertavam os seguranças sobre o defeito no ar condicionado, mas não pode ser entendido como condição para tanto. Nosso conhecimento da realidade é claro o suficiente para nos fazer entender que não são as paradas nas estações que “condicionam” as reclamações dos passageiros com os seguranças. Todo metrô tem um itinerário a cumprir, com paradas pré-determinadas nas estações. A motivação para as reclamações não tem a ver com as paradas, mas sim com o não funcionamento do ar condicionado, expresso na oração substantiva objetiva direta localizada dentro da própria oração principal. A ausência da noção de condição pode ser vista a partir do teste de substituição do **quando** pelo *se*, que compromete a aceitabilidade da frase:

10' – (?) *Se* o metrô parava nas estações, avisávamos aos seguranças que o ar condicionado não estava funcionando e eles ficavam rindo.

Como salientamos linhas acima, o fato de o metrô parar nas estações não pode ser tomado como hipótese ou possibilidade, por se tratar de um evento cíclico, rotineiro, que se repete no tempo de acordo com o itinerário pré-estabelecido. Por isso, a utilização do *se*, a conjunção condicional por excelência, causa estranheza quanto ao significado do enunciado: não há dúvidas de que o metrô irá parar em todas as estações previstas em sua rota.

A atuação do **quando** como sinônimo de *sempre que* ou *toda vez que*, para caracterizar a “construção de uma sucessão não finita de ocorrências⁴¹”, é mais rara com tempos verbais que exprimem o aspecto perfectivo, como o pretérito

⁴¹COSTA CAMPOS, M.H. de., *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, p. 37.

perfeito simples, tempo que se refere a uma situação pontual, ocorrida e encerrada inteiramente no passado em relação ao tempo da enunciação. É, portanto, um tempo verbal menos propício a indicar fatos habituais.

Mas a língua em uso é sempre capaz de nos surpreender com fatos que escapam a definições rígidas. Logo, por seu caráter dinâmico, a língua permite que as formas lingüísticas se adaptem às necessidades comunicativas dos falantes.

O exemplo a seguir ilustra justamente um registro lingüístico pouco comum, em que a oração introduzida pelo **quando**, apesar do verbo conjugado no pretérito perfeito simples, exprime a noção iterativa:

11- Ontem, ao derrotar Kiefer, Roger Federer obteve sua sétima vitória em nove semifinais de Grand Slams. As duas que perdeu foram em 2005: para o russo Marat Safin, no Aberto da Austrália, e para o espanhol Rafael Nadal, em Roland Garros. **Quando** ganhou as seis semifinais anteriores, Federer acabou campeão.

A análise do período (talvez um pouco complexa para quem não conhece o sistema de disputa de um torneio de tênis) nos leva a entender que a última sentença, iniciada pela oração adverbial introduzida pelo **quando**, traz consigo a idéia de condição referente a uma seqüência de fatos que se repetiram no passado: as seis vitórias do tenista Roger Federer. Podemos afirmar que o valor expresso por essa oração varia entre temporal e condicional. A noção de tempo só não se faz tão forte como a de condição pelo fato de que, mesmo conjugado no pretérito perfeito simples, o verbo “ganhou” não se refere a um evento pontual e concluído, mas sim a uma sucessão de eventos que se repetiram um certo número de vezes (seis, no caso específico). Dessa forma, parece-nos claro que a idéia da oração introduzida pelo **quando** é a de que, *toda vez que* (ou *sempre que*) venceu uma partida semifinal de Grand Slam⁴², Roger Federer acabou como campeão do torneio em questão. A oração se refere à constatação de que vencer o jogo semifinal tem sido, coincidentemente, um fator condicionante do fato expresso na oração principal (ser campeão). Tal condição (ou coincidência) só deixará de ser verdade no dia em que Roger Federer perder uma final de um torneio Grand Slam,

⁴² No circuito mundial de tênis, classificam-se como Grand Slams os torneios da França, dos Estados Unidos, da Austrália e da Inglaterra. Como curiosidade, vale constatar que Roger Federer acabou perdendo a final de um torneio Grand Slam, na França, em junho de 2006. A frase que usamos como exemplo, que deixou, assim, de ser verdade, é do dia 28 de janeiro do mesmo ano.

pois, para chegar à final, o tenista tem que vencer, necessariamente, a partida semifinal. Quando (ou se) isto acontecer, não mais se poderá dizer que “**quando** ganhou as semifinais anteriores, Federer acabou campeão”, já que, embora tenha vencido a semifinal, ele terá perdido o jogo final.

No exemplo 11, temos a co-ocorrência das idéias de tempo e condição, sendo a segunda mais evidente. Observemos, agora, o que ocorre no exemplo 12, em que a noção temporal faz-se mais forte que a condicional:

12- Luizão promete mais gols **quando** estiver entrosado.

Neste caso, podemos observar que a oração adverbial introduzida pelo **quando**, apesar de conjugada no futuro do modo subjuntivo – tempo verbal que geralmente indica dúvida, hipótese e probabilidade – revela uma expectativa muito alta em relação ao acontecimento que está por vir: estar entrosado (com os companheiros de time). Nosso conhecimento de mundo nos permite identificar, na adverbial iniciada pelo **quando**, um significado que beira a certeza quanto à realização do evento futuro. É importante observar, também, que este alto grau de expectativa está diretamente ligado ao valor semântico do verbo “prometer”, que carrega consigo a idéia de que o sujeito praticamente garante que aquilo o que diz irá realmente acontecer.

Há no enunciado, evidentemente, uma dose significativa da noção de condição, já que “estar entrosado” é o fator que permitirá a Luizão fazer mais gols pela sua equipe. No entanto, dentro do contexto apresentado, a noção de condição acaba perdendo um pouco de sua carga justamente pela “certeza futura” quanto à idéia expressa na adverbial. Assim, entendemos que a força maior do enunciado está em seu sentido temporal, isto é, a partir do momento em que estiver entrosado com os outros companheiros de time, Luizão será capaz de marcar mais gols. Trata-se de uma situação que pode levar uma semana, quinze dias, um mês, ou o intervalo de **tempo** necessário para que Luizão se entrose com os outros jogadores. Em outras palavras, podemos afirmar que o fato de “estar entrosado” acaba sendo (na visão do jogador) uma questão de **tempo**, dada a alta expectativa revelada na oração adverbial.

Examinemos, agora, o exemplo 13, que também une as idéias de tempo e condição:

13 - Só vou falar **quando** e se o fato for consumado.

Primeiramente, notamos que o tempo de ambas as predicções é o futuro. O modo, no entanto, é o indicativo na principal e o subjuntivo na adverbial iniciada pelo **quando**. Não há dúvidas, logicamente, quanto à indicação temporal do acontecimento lingüístico expresso na adverbial, que é o futuro. No entanto, um futuro que se posiciona na esfera da probabilidade, da incerteza, da hipótese. A oração introduzida pelo **quando** – independentemente da presença do *se* - nos indica simultaneamente o tempo (futuro) da ação expressa pela principal – falar – e a condição para que isso aconteça – o tal fato ser consumado.

O que torna o exemplo extremamente peculiar e interessante é a intenção do falante em reforçar o caráter condicional de seu enunciado através do uso do “só” na oração principal e do *se* – dispensável, porém utilizado para efeito de ênfase – na adverbial. Caso o falante optasse por não utilizá-los, teríamos uma construção ainda plenamente aceitável e compreensível, como em 13’:

13’ – Vou falar **quando** o fato for consumado.

A diferença entre ambas as construções é quanto à expectativa do falante em relação à concretização do tal fato. Utilizando o *se*, ele deixa transparecer a incerteza quanto à consumação. Já, usando somente o **quando**, somos levados a entender que o falante espera que o fato seja realmente consumado, apesar de não saber, com precisão, quando isto ocorrerá.

Análise semelhante pode ser feita a partir do exemplo:

14- **Quando** o beijo acontecer, o Júnior estará nele por inteiro.

A frase – dita por um ator que interpretava um personagem chamado Júnior numa telenovela – revela (além da condição para que a situação descrita na oração principal ocorra) a certeza do falante em relação à realização do fato expresso na oração adverbial, neste caso, o beijo. O uso do **quando** indica, portanto, que o acontecimento futuro é dado como certo por quem fala, isto é, o ator já sabe de antemão que o tal beijo a que se refere será dado numa cena da novela.

Se substituirmos o **quando** pelo *se*, passamos da certeza à dúvida:

14' – *Se* o beijo acontecer, o Júnior estará nele por inteiro.

Neste caso, a expectativa quanto à realização do fato expresso na oração adverbial já não é tão segura como na oração introduzida pelo **quando**. O uso do *se* deixa o tal beijo na esfera da probabilidade, da incerteza. O ator sabe da possibilidade da realização do beijo numa das cenas da novela, mas não tem a certeza de que esta hipótese confirmar-se-á.

As construções que apresentam relação temporal com sentido condicional podem, ainda, remeter a outro tipo de circunstância: o *sentido condicional factual*. Trata-se de enunciados em que, diferentemente das frases com *sentido condicional eventual*, a idéia de condição está ligada a um fato que pode ser entendido como justificativa para o que se afirma na oração principal. A distinção sutil entre ambos os sentidos (eventual e factual) pode ser observada ao verificarmos se a idéia expressa na oração adverbial apresenta a noção de habitualidade ou de factualidade. Nas construções temporais com *sentido condicional factual*, o caráter simultâneo das ações de ambas as predicções deixa de ser tão evidente. Assim, o **quando**, que introduz a adverbial, tem valor semelhante ao de expressões como *já que* e *uma vez que*.

A diferença entre ambos os tipos, difícil de ser visualizada em certas ocorrências, pode ser identificada a partir desse contraste entre iteratividade e factualidade. Vale ainda ressaltar que o aspecto imperfectivo das ações das duas predicções é relevante (mas não determinante – ver exemplo 10) para que se mantenha o sentido condicional, mesmo no caso das factuais, em que a circunstância trazida pela adverbial justifica a afirmação feita na principal. No capítulo seguinte, observaremos as características marcantes dos enunciados que apresentam relação temporal com sentido causal, dentre as quais a presença do aspecto perfectivo nos verbos é uma das mais significativas.

Cabe aqui ressaltar que, ao seguir tal conceituação (eventual x factual), estamos nos referindo unicamente aos enunciados que apresentam **relação temporal com sentido condicional**. Julgamos necessário deixar claro que não faz parte de nossos objetivos neste trabalho realizar uma investigação excessivamente

detalhada acerca da diversidade de estruturas sintático-semânticas relativas às construções condicionais e seus subtipos.

Lembramos que nosso foco está direcionado ao exame das diferentes possibilidades de significado expressas pelas orações adverbiais introduzidas pelo **quando**. Assim, em relação às condicionais, interessa-nos, essencialmente, analisar seus diferentes matizes semânticos nos enunciados introduzidos pelo **quando**. Por se tratar de uma área do significado que apresenta uma extensa variedade de estruturas sintáticas, a noção de condição abrange diversos níveis de expressão, que podem variar de acordo com a combinação entre tempo e modo verbais e com a conjunção utilizada. Por isso, como estamos trabalhando preferencialmente com as possibilidades de expressão semântica relativas ao **quando**, acreditamos que o foco de nossa pesquisa seria consideravelmente desviado caso optássemos por analisar minuciosamente todas as questões referentes a conceitos como factualidade, não-factualidade e contrafactualidade, bem como aos diferentes graus de expressão da idéia de condição de acordo com cada uma das conjunções pertencentes a este campo do significado. Consideramos mais condizente com nossa proposta abordar tais conceitos na medida em que nosso corpus referente às construções introduzidas pelo **quando** o exija.

Vejamos, agora, dois exemplos de construções em que a oração adverbial temporal apresenta a *o sentido condicional factual*:

15- É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente **quando** têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança.

16- **Quando** se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

Em 16, temos a correlação de duas orações com verbos conjugados no presente do indicativo. Como salientamos anteriormente, a combinação de duas formais verbais no presente é comum para indicar as idéias de habitualidade e iteratividade. Entretanto, podemos observar que neste caso ocorre algo distinto. A

informação trazida na oração adverbial refere-se a uma factualidade passada: a constatação de que Leonardo da Vinci, Beethoven e Shakespeare foram gênios, e não a uma situação habitual, que pode se repetir no tempo um número indeterminado de vezes, conforme observado nos exemplos 7 e 9 (*Quando erro e Quando o nível da água atinge 60 centímetros*, respectivamente).

Em outros termos, “saber que da Vinci, Beethoven e Shakespeare foram gênios” pode ser entendido como um estado/processo permanente que não remete, portanto, à idéia de iteratividade característica das construções com *sentido condicional eventual*. A adverbial introduzida pelo **quando** justifica a afirmação feita na oração principal, conforme examinamos ao utilizar a expressão *já que*:

16’ – *Já que* se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

Por outro lado, a substituição com as expressões de frequência causaria certa estranheza quanto à aceitabilidade:

16’’ – (?) *Sempre que* se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, então a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

Observamos, também, a presença da conjunção *então*, que atua como elemento de ênfase à afirmação apresentada na oração principal. No entanto, podemos perceber que sua presença é absolutamente dispensável – o significado do enunciado mantém-se inalterado se a retirarmos.

16’’’ – **Quando** se sabe que Leonardo da Vinci foi um gênio, Beethoven foi um gênio, Shakespeare também, a idéia de que você possa ser um acaba parecendo tola.

No exemplo 15 o raciocínio é semelhante, porém, com a diferença de que a relação entre a oração adverbial introduzida pelo **quando** e a principal extrapola o âmbito da frase, referindo-se ao texto como um todo. Assim, notamos que a

coesão entre os dois períodos é mantida pela presença da palavra *especialmente*, que atua como elemento de reforço à idéia contida na oração “é intolerável que servidores públicos causem transtornos à população...”.

Vale enfatizar que o enunciado deixaria de fazer sentido caso retirássemos o *especialmente*, responsável pela coesão entre as duas orações. O **quando**, neste caso, se refere à noção de que *uma vez que* têm como função essencial cuidar da segurança pública, é intolerável que os servidores públicos causem transtornos à população. Há de se levar em conta, necessariamente, o contexto por trás do enunciado, que se refere à notícia sobre uma manifestação feita por agentes da polícia civil (servidores públicos), que acabou gerando sérios problemas no trânsito do local onde ocorreu. Desta feita, podemos assumir como pertencente à realidade objetiva o fato de que os servidores públicos em questão **são, efetivamente, responsáveis pela segurança pública**. Tal constatação é importante para facilitar-nos a compreensão do significado expresso pelo **quando** neste caso: *já que/uma vez que* têm como função essencial cuidar da segurança pública, é intolerável que servidores públicos (agentes da polícia civil) causem transtornos à população. Fica clara, portanto, a noção de justificativa contida na oração adverbial em relação à frase que a antecede. Assim como em 16, observamos que o fato expresso na oração adverbial diz respeito a uma ação de caráter geral, rotineiro – ter como função específica cuidar da segurança – e não a uma seqüência indeterminada de eventos que se repetem no tempo. A conjunção condicional *se* também pode ser utilizada no enunciado, com a ressalva de que colocaria em dúvida o fato de que os servidores públicos citados são, realmente, responsáveis pela segurança pública:

15’ - É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente *se* têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança.

Diferentemente de 15, em que temos a utilização do **quando**, em 15’ a presença do *se* confere ao enunciado a idéia de incerteza em relação à função dos servidores públicos – que já sabemos de antemão pelas circunstâncias do contexto por trás da notícia, ser, especificamente, cuidar da segurança pública.

Com *sempre que* ou *toda vez que* o período perde completamente o sentido:

15'' – (?) É intolerável que servidores públicos causem transtornos à população – que lhes paga os salários – seja a que título for e por mais justas que possam ser suas reivindicações. Especialmente *toda vez que* têm como função específica, e essencial, cuidar da segurança.

A estranheza em relação à aceitabilidade de 15'' pode ser compreendida pela idéia de que - como observamos anteriormente - o conceito de “ter como função específica cuidar da segurança” não remete à noção de habitualidade/iteratividade, mas sim a um processo de caráter permanente, tal como o fato de “saber que Leonardo da Vinci, Beethoven e Shakespeare foram gênios”. Daí a perda de sentido ao utilizarmos expressões que se referem à repetição indeterminada de algum evento/estado/ação.

A observação dos diferentes tipos de relação temporal com sentido condicional leva-nos a uma constatação básica: tanto nas construções com *sentido condicional eventual*, como nas com *sentido condicional factual*, as características sintático-gramaticais são praticamente as mesmas. Em ambos os tipos, notamos que na oração principal e na adverbial ocorrem tempos verbais que abrigam o aspecto imperfectivo, em que a ação não é delimitada temporalmente. A diferença só pode ser, então, de ordem semântico-pragmática.

Logo, o significado de cada um dos elementos que compõem o enunciado, e, naturalmente, o sentido que resulta de sua associação com os demais, é que determinarão a caracterização circunstancial das frases. Em razão disso é que, por vezes, as distinções entre dois enunciados revelam-se muito sutis, pois, sintática e gramaticalmente, suas estruturas podem ser idênticas, cabendo unicamente ao contexto e à natureza semântica de seus complementos diferenciá-los.

Assim, podemos afirmar que as noções de habitualidade e factualidade, essenciais para a interpretação das relações temporais com sentido condicional, só poderão ser observadas em função do conteúdo particular trazido por cada um dos elementos envolvidos no enunciado, e da relação de cada um deles com o contexto. Como argumenta Vaz Leão (1961), o sentido final de um enunciado

“está no contexto, no valor conceptual dos vocábulos e sintagmas, e não no molde da frase⁴³”.

Dessa forma, a noção de habitualidade presente em “**Quando** o nível da água atinge 60 centímetros” bem como a factualidade constatada em “**quando** têm como função específica cuidar da segurança” são identificadas e assim diferenciadas graças à nossa capacidade de interpretar o significado expresso pela associação das diferentes palavras que compõem cada uma das orações, já que ambas, gramaticalmente, apresentam o mesmo tempo verbal (atinge/têm), o presente do indicativo.

⁴³LEÃO, A.V., *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais. 1961 (Tese de concurso para catedrático).